

## ANÁLISE DO SOFRIMENTO PATOGÊNICO NAS ATUAIS VIVÊNCIAS NO MERCADO FORMAL DE TRABALHO E AS EXPERIÊNCIAS ANTERIORES EM EMPRESAS JUNIORES, À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

**Ana Raquel Silva Rocha**

Universidade Estadual do Ceará – UECE

[ana.raquel9910@gmail.com](mailto:ana.raquel9910@gmail.com)

**Ana Cristina Batista dos Santos**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

[ana.batista@uece.br](mailto:ana.batista@uece.br)

**Título da Sessão Temática:** *Saúde Mental e o processo de Adoecimento no Trabalho*

**Evento:** VII Encontro de Iniciação à Pesquisa

### RESUMO

Diante de uma dinâmica mercadológica contemporânea cercada pela inovação e competitividade, não é incomum que os sujeitos inseridos nesse contexto se deparem com vivências de pressões e inquietações. Partindo dessa análise, o objetivo do trabalho foi compreender a associação entre o sofrimento patogênico existente nas atuais vivências no mercado formal e nas experiências anteriores em Empresas Juniores, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. A pesquisa de campo foi executada por meio de quatro entrevistas narrativas, orientadas por roteiro, e os entrevistados foram pós-juniores atuantes no mercado formal de trabalho. A técnica da análise dos núcleos de sentido foi utilizada para compreensão das narrativas, permitindo a conclusão de que o sofrimento patogênico no trabalho se faz presente em ambos os cenários analisados, principalmente advindo da dificuldade que os sujeitos apresentaram na administração de suas demandas, tendo como possibilidades de transformação do sofrimento em prazer o uso de estratégias de defesa e a dinâmica do reconhecimento.

**Palavras-chave:** Movimento Empresa Júnior. Mercado Formal. Sofrimento. Psicodinâmica do trabalho.

### INTRODUÇÃO

A forma como a relação homem-trabalho se estrutura nas diferentes realidades dos indivíduos componentes do mundo do trabalho pode indicar aspectos físicos e psicológicos dos sujeitos que os levam, muitas vezes, a dedicar grande parte da vida ao âmbito laboral, principalmente na dinâmica da contemporaneidade. Essa dedicação muitas vezes inicia ainda

no âmbito das universidades, onde alguns sujeitos buscam experiências que lhes concedam diferenciais competitivos para ingressar no mercado de trabalho. A presente pesquisa tem como foco, dentre os campos de vivências dos universitários, as Empresas Júniores.

De acordo com o Art. 2º da Lei nº 13.267 uma empresa júnior (EJ) é uma associação civil, com o propósito de realizar projetos de consultoria que contribuam, academicamente e profissionalmente, para o desenvolvimento e capacitação dos seus membros, bem como da EJ (BRASIL, 2016).

O trabalho no Movimento Empresa Júnior (MEJ) é voluntário e o dinheiro arrecadado com os projetos é utilizado para suprir gastos e realizar investimentos. Diante disso, a execução desses projetos exige dos indivíduos o desenvolvimento de importantes habilidades e competências para sua formação e posterior ingresso no mercado formal de trabalho, fato que proporciona vivências não só de prazer, mas também de sofrimento durante esse processo, podendo este último acarretar no desenvolvimento de patologias.

Nesse contexto, a geração de jovens pós-juniores que ingressa no mercado de trabalho traz consigo vivências e cicatrizes decorrentes dos sofrimentos e inquietações adquiridas no MEJ que são confrontadas com as vivências do mercado. Assim, torna-se interessante avaliar como as novas gerações, na condição de pós-juniores, descrevem e associam as vivências de sofrimento que implicaram em patologias no âmbito das EJs e do mercado formal.

A lente utilizada para tal avaliação foi a Psicodinâmica do Trabalho (PDT), termo originado na França na década de 1980 por Christophe Dejours, um médico do trabalho, psiquiatra e psicanalista, que propôs estudar duas dimensões: de contexto, como condições de trabalho, organização do trabalho e relações sociais de trabalho; e de conteúdo, como carga psíquica, vivências de prazer-sofrimento, estratégias de enfrentamento, e reconhecimento (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994; MENDES, 2007; SILVA, 2015).

Dejours acredita que a organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013), favorecendo o surgimento do sofrimento em seu estado patogênico.

O objetivo da pesquisa foi, então, compreender a associação entre o sofrimento patogênico existente nas atuais vivências no mercado formal e nas experiências anteriores em Empresas Júniores, à luz da Psicodinâmica do Trabalho. Estudos que relacionam o MEJ e a PDT são quase inexistentes, tornando maior a relevância da pesquisa diante desse construto com possibilidades de ampliações teóricas e práticas.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa foi de natureza qualitativa, proporcionando um maior aprofundamento no mundo dos significados (MINAYO, 2004). O principal conteúdo para a coleta das informações no campo foram as narrativas dos sujeitos acerca de suas vivências.

Considerando o objetivo da pesquisa, a tipologia aplicada foi de classe exploratório-descritiva, com pesquisa de campo, o qual foi composto por quatro sujeitos pós-juniores, três mulheres e um homem, atuantes no mercado formal de trabalho e a coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, de cunho narrativo, possibilitando um maior contato com histórias de vida profissional.

Os critérios para escolha dos quatro entrevistados foram: serem pós-juniores, com no mínimo um ano de vivência no MEJ e seis meses de atuação no mercado formal de trabalho, interessados e disponíveis para participar da pesquisa. Tais períodos foram determinados diante da inferência de que eles são suficientes para a obtenção de narrativas repletas de vivências dos indivíduos ligadas ao sofrimento patogênico no trabalho em ambos os cenários de atuação.

As entrevistas foram realizadas ao longo de um mês, com o auxílio de um roteiro semiestruturado, fora do local de trabalho dos entrevistados e, com a devida autorização dos mesmos, foram gravadas, transcritas e analisadas. Para tal estudo foi utilizada a técnica de análise e interpretação dos núcleos de sentido (ANS) (MENDES, 2007).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partindo da observação de Dejours (2012) de que trabalhar nunca é neutro para a saúde, principalmente para a saúde mental, é possível identificar nos discursos dos sujeitos que patologias surgiram ao longo da atuação dos mesmos nos âmbitos analisados.

No Movimento Empresa Júnior os indivíduos se desgastaram fisicamente e psicologicamente ao priorizar o trabalho, descuidando da própria saúde. Segundo E2, o sujeito se deparou com um conflito de gerações, tendo em vista que suas visões eram diferentes das visões dos novos membros da empresa, havendo dias em que não queria ir para a EJ por sentir o clima da empresa pesado, afetando-o também no lado pessoal. E3 passou por problemas de saúde no final de sua trajetória no movimento, acarretando na substituição do prazer pelo sofrimento. Essa substituição o levou a acreditar que suas patologias eram consequências do trabalho, decidindo então desligar-se da EJ. A carga de trabalho que preenchia a rotina de muitos empresários juniores também gerou consequências físicas e psicológicas para E4, que apresentou picos de improdutividade e alterações físicas.

Isso foi mais pro final do meu percurso pelo MEJ, que eu já estava mais desgastada. Você vai crescendo, enxergando coisas que aquele pessoal mais novo não enxerga, e a maioria das pessoas são menos experientes, acaba gerando conflito, e eu me desgastei muito, tiveram situações de acordar e não querer ir para a empresa, me afetar de uma maneira muito pesada, de eu me sentir mal, de ficar com agonia de não saber o que fazer, de sentir o clima pesado... toda aquela coisa me afetava até como pessoa. [E2]

Em conversa com um dos diretores da época eu cheguei a afirmar que a causa de tudo aquilo (referindo-se aos problemas de saúde) era a EJ, e hoje eu vejo que não, que na verdade iria acontecer em qualquer situação da minha vida, mas na época eu fiquei tão sem racionalidade que acabei vendo dessa forma. Por conta disso eu já tinha perdido a vontade e aquela necessidade de estar na empresa, porque no período anterior eu tinha necessidade de estar lá, não era vontade, tinha que ficar lá, e nesse período eu já não gostava, já não tinha prazer naquilo. [E3]

Tinha épocas que eu tinha picos, não era nem de desmotivação, mas eu não conseguia produzir direito. E ficava meio mal. Aí só quando eu respirava que eu voltava mais no gás. Mas sempre acontecia, de 6 em 6 meses. Eu dava uma queda, depois descansava e voltava. [...] Na BJ foi o pior momento, que eu tive que me virar 100%, e eu me virava zero. Então, eu já sou magro, eu fiquei mais magro, com vários problemas de saúde. [E4]

É importante destacar que alguns indivíduos, como E3, se utilizaram de estratégias de defesa, mais especificamente a estratégia de racionalização, para ressignificar o sofrimento vivido. Essa estratégia auxilia na identificação de explicações aceitas socialmente para circunstâncias dolorosas e desagradáveis, além de acelerar o ritmo e a produtividade no trabalho (MENDES, BORGES e FERREIRA, 2002).

Ao ingressarem no mercado formal, algumas patologias adquiridas pelos sujeitos enquanto empresários Juniores perduraram, como a ansiedade. E1 revela que possuía tantas atividades, que não conseguia desempenhá-las, por querer executar várias delas sem um foco específico, e isso o afetava negativamente. Já E3 teve a ansiedade como uma motivação para ingressar no mercado formal, de modo a obter uma ocupação. Porém, o ambiente de trabalho em que estava inserido era permeado por riscos de segurança, gerando o medo constante.

Eu senti que eu tinha tanta coisa pra fazer e eu não conseguia fazer nada. Mas hoje eu me sinto mais tranquila em relação a isso, eu sei que não vou morrer se não entregar aquilo no prazo, então eu tô conseguindo ter um foco maior nas minhas pendências. [...] E aí eu me sinto melhor comigo, a ansiedade não tá me afetando negativamente mais. Antes eu tava querendo fazer 10 coisas e não conseguia entregar nenhuma no final do dia. [E1]

Eu precisava fazer algo por conta da ansiedade, tinha que esquecer né, então eu comecei a trabalhar em uma loteria, que é do meu pai, que é no interior do Ceará [...] tinham questões que agravavam que era o perigo que rondava, você trabalhar dentro de um ambiente que é foco de muita coisa, eram várias coisas envolvidas em uma mesma organização. Então logo de início a minha experiência foi mais tratando no operacional, tendo em vista que eu ainda não estava completamente recuperada e aí depois fui desenvolvendo coisas mais abrangentes. [E3]

O adoecimento surge quando o sofrimento não é mais contornável e o trabalhador faz uso de todos os seus recursos intelectuais e psicoafetivos para dar conta das demandas organizacionais, percebendo que nada pode fazer para se adaptar ou transformar o trabalho (GUIMARÃES JÚNIOR, 2017). Observa-se que os sujeitos começaram a apresentar

patologias na medida em que absorviam toda a carga de trabalho sem cuidar da saúde, chegando a extremos como desligar-se da empresa, como ocorreu com E3 no MEJ, e não conseguir desempenhar suas atividades, como ocorreu com E1 no mercado formal.

No caso de E3, ao ingressar em um ambiente que o proporcionou a sensação constante de medo, unindo-se a ansiedade que já se instalava no sujeito, observa-se um cenário desfavorável a sua recuperação, diante do fato de que o sofrimento patogênico é um resultado das pressões psíquicas de trabalho (FIGUEIREDO; ALEVATO, 2013) e o indivíduo continuou inserido em um âmbito permeado por essas pressões.

Além das estratégias de defesa, outra forma de auxiliar a transformação do sofrimento no trabalho em prazer é por meio do reconhecimento. O reconhecimento, para Dejours (2004), é uma retribuição moral metafórica concedida ao ego, por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho. Assim, dinâmicas que reconheçam o esforço dos sujeitos, como E1, que dedicam a maior parte do seu tempo ao âmbito laboral podem ser a chave para a redução do surgimento de patologias nessa área tão importante da vida humana.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das insatisfações e dificuldades enfrentadas no âmbito laboral, constata-se que tal ambiente é propício ao surgimento de patologias, seja uma EJ ou uma organização do mercado formal, pois o trabalho é permeado pela carga psíquica, tanto que sintomas de ansiedade foram identificados nos discursos de todos os entrevistados, principalmente pela dificuldade que os sujeitos apresentaram na administração de suas demandas.

De modo a evitar o impacto negativo das consequências do sofrimento no trabalho, podem ser listados como aspectos importantes para a melhoria da saúde mental dos sujeitos: As estratégias de defesa, com ações de ressignificação que proporcionam ao sujeito a sensação de descarga de suas pulsões e de liberdade para a construção de sua identidade, evitando o adoecimento; e o reconhecimento, que contribui para que o esforço do sujeito adquira sentido, pois muitos trabalhadores se sustentam pelo reconhecimento que recebem, não pela autonomia ou posição que ocupam.

Assim, é possível que tais experiências sejam vistas também como oportunidades de superação, desembocando em descobertas úteis que atribuem ao sofrimento um sentido positivo. Nesse contexto, este trabalho torna-se uma ramificação das dimensões da Psicodinâmica do Trabalho, sendo possível analisar as demais dimensões em ambos os âmbitos, relacionando-as e caracterizando-as.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 13.267, de 6 de abril de 2016. **Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior.** Brasília, DF, abr 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13267.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13267.htm)>. Acesso em: 05 mar. 2018.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho:** contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e Ação. **Petropo Produção**, v. 14, n. 3, set./dez. 2004.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo – Tomo I:** sexualidade e trabalho. Brasília: Paralelo 15, 2012.

FIGUEIREDO, J. M.; ALEVATO, H. M. R. **A visão de prazer e sofrimento da psicodinâmica do trabalho ante a precarização e a intensificação do trabalho:** breve reflexão. In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 33., 2013, Salvador. Anais... Salvador: 2013. p. 21.

MENDES, A. M. Pesquisa em psicodinâmica do trabalho: a clínica do trabalho. In \_\_\_\_\_. **Psicodinâmica do trabalho:** teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 65-87.

MENDES, A. M.; BORGES, L. O.; FERREIRA, M. C. **Trabalho em transição, saúde e risco.** Brasília: UNB, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVA, M. **Empresa Júnior:** Uma organização estudantil e a sua influência na formação de pós-juniores empreendedores. 2015. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Gestão de Políticas Públicas) – Universidade Estadual de Campinas, SP, 2015.